



## VIGILÂNCIA PÓS ALTA DE PACIENTES COM INFECÇÃO DE SÍTIO CIRÚRGICO

**Autores:** Bruna Letícia Ramos Araújo; Bruna Jacobus; Angélica Maria Forero Cifuentes; Schirlei Andréia Tamagno; Priscila Schimidt Lora; Patrícia Treviso

**Instituição:** UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

### Introdução

A Organização Mundial de Saúde (OMS) criou, em 2004, a Aliança Mundial para a Segurança do Paciente, esta aliança, em parceria com a Agência Nacional de Vigilância e Saúde (ANVISA) e a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), tem lançado desafios globais para a segurança do paciente<sup>1</sup>. No Brasil, foi criado pelo Ministério da Saúde, em 2013, o Plano Nacional de Segurança do Paciente (PNSP), estabelecido pela Portaria nº 529, com o intuito de contribuir para qualificação do cuidado em saúde em todos os estabelecimentos de saúde, entre ela a implantação da cirurgia segura que prevê a vigilância epidemiológica dos procedimentos cirúrgicos.

### Objetivo

Verificar quais os direcionamentos acerca da vigilância pós alta de pacientes com infecção de infecção de sítio cirúrgico, descritos na literatura.



## VIGILÂNCIA PÓS ALTA DE PACIENTES COM INFECÇÃO DE SÍTIO CIRÚRGICO

### Método

Trata-se de uma revisão rápida. Os dados foram coletados na Base de dados de Enfermagem (BDENF), Biblioteca Virtual de Saúde (BVS-BIREME), além de literatura cinzenta, incluindo guidelines, legislação vigente e documentos técnicos sobre a vigilância epidemiológica, o período estabelecido foi de 2010 a 2020. A coleta de dados foi realizada entre julho e agosto de 2020.

### Resultados

As infecções de sítio cirúrgico (ISC) aumentam a morbimortalidade de pacientes submetidos a procedimentos cirúrgicos. Os *guidelines* de prevenção às ISC reforçam os cuidados nos procedimentos cirúrgicos e se seguidos de maneira correta podem reduzir 60% das infecções relacionadas aos procedimentos cirúrgicos nos países desenvolvidos e possivelmente teríamos uma redução, ainda maior em países em desenvolvimento<sup>2</sup>.

Os dados de notificações de ISC, no Brasil, começaram a ser obrigatórios conforme a nota técnica 01/2020 da ANVISA, para que existam dados sistematizados e fidedignos<sup>3</sup>. Para isso, as instituições de saúde deverão ter vigilância epidemiológica de busca pós-alta nos pacientes submetidos a cirurgias<sup>3</sup>.



## VIGILÂNCIA PÓS ALTA DE PACIENTES COM INFECÇÃO DE SÍTIO CIRÚRGICO

Se os Guidelines de prevenção de ISC estiverem aplicados, a redução de ISC pós alta pode reduzir 60%

A estimativa de infecções detectadas após a alta hospitalar do paciente tem variações de grande proporção, variando entre 13% e 71%.

### Resultados

O tempo de permanência hospitalar tem diminuído nas últimas décadas, porém o número de infecções tratadas através dos ambulatorios aumentou e muitas delas são subnotificadas<sup>2</sup>. Métodos prospectivos são sugeridos para vigilância epidemiológica, com distribuições contínuas e sistemáticas de busca ativa de todos os pacientes que tiveram procedimento cirúrgico de forma limpa, ou seja, os quais não possuíam lesões abertas, ou que possuem ausência de processo infeccioso ou inflamatório local, realizadas em tecidos estéreis ou passíveis de descontaminação<sup>3</sup>. A vigilância pós-alta deve ser realizada por um profissional capacitado e segundo os critérios diagnósticos utilizados pelo serviço de controle de infecção hospitalar, de forma a manter a homogeneidade da conduta diante da notificação da ISC, durante a internação e após a alta<sup>2-3</sup>.



## VIGILÂNCIA PÓS ALTA DE PACIENTES COM INFECÇÃO DE SÍTIO CIRÚRGICO

### Conclusão

Os direcionamentos acerca da vigilância pós-alta de pacientes com infecção de sítio cirúrgico, descritos na literatura, envolvem: a busca ativa; a importância da criação de ferramentas para atingir a eficiência da vigilância epidemiológica de busca ativa pós alta; a notificação de casos; a vigilância pós-alta hospitalar e a implantação de protocolos e rotinas de cuidados, visando a prevenção de infecções e assistência segura.

### Referências

1. Elias ACGP et al. Avaliação da adesão ao checklist de cirurgia segura em hospital universitário público. Revista SOBECC, 2015; 20(3):128-33. DOI: DOI: 10.5327/Z1414-4425201500030002.
2. Berríos-Torres SI et al. Centers for Disease Control and Prevention Guideline for the Prevention of Surgical Site Infection. *JAMA Surg.* 2017;152(8):784-791. DOI:10.1001/jamasurg.2017.0904
3. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). Nota Técnica GVIMS/GGTES Nº 01/2020 Orientações para vigilância epidemiológica e notificação nacional das Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde (IRAS), da Resistência Microbiana (RM) e do consumo de antimicrobianos. Brasília: Anvisa, 2020. Disponível em: <http://portal.anvisa.gov.br/documents/33852/271858/Nota+t%C3%A9cnica+GVIMS-GGTES-Anvisa+n+01-2020/471d66f1-4800-438d-b9c9-c6a6e27cef48>. Acesso em: 15 set. 2020.